

***Sociologia histórica do político*** (Yves Déloye). (Bauru: EDUSC, 1999).

Existe vida além do fim da história? Passada quase uma década da estrondosa tese de Francis Fukuyama e dos desdobramentos do final da guerra fria e da União Soviética, não só as discussões como a intensidade dos acontecimentos históricos e das transformações ainda em curso nesses últimos anos tornam a resposta mais do que evidente. No entanto, no campo da História, permanece um certo mal estar que ainda não foi, por assim dizer, resolvido. Da recepção de Michel Foucault ao *giro lingüístico*, do neomarxismo inglês à nova história cultural, das mentalidades ao cotidiano, a História tem ensaiado temas, métodos e aportes teóricos que têm, ao mesmo tempo, renovado o seu objeto e diluído as suas fronteiras com as outras ciências e, em alguns casos, com a própria idéia de ciência. O ponto é que nessa longa abertura, e aí não só da História mas das Ciências Humanas de forma geral, a

---

\* Professora na Universidade Nacional de Rosário e na Universidade de Barcelona.

capacidade de se elaborar sínteses ou explicações que dêem conta da complexidade da experiência humana no espaço e no tempo tem sido negligenciada e até desacreditada por alguns. À sombra de uma crítica, que não é nova, dos paradigmas que alicerçaram as Ciências Sociais e a História (funcionalismo, marxismo, estruturalismo...), o referido mal estar se estabeleceu nos últimos anos e tem incomodado aqueles que vêm com reticência a fragmentação excessiva do conhecimento.

Entre a fragmentação e a diluição da objetividade no sujeito de um lado e o determinismo teleológico de outro, existe um vasto e fértil terreno em que as diferentes disciplinas do saber humanístico podem se comunicar e constituir seus objetos de pesquisa de forma a integrar diferentes aspectos da existência e do real. Nesse esforço e com o voluntarismo de uma “aposta epistemológica” se insere a proposta de Yves Déloye com a obra recentemente traduzida para o português: *Sociologia histórica do político*. Trata-se de um quase manifesto que, ao se debruçar sobre os campos da História, da Sociologia e da Ciência Política, propõe uma nova disciplina, a Sociologia Histórica do Político. Ainda que seja um tanto curioso propor uma disciplina nova num contexto em que as fronteiras tradicionais do saber estão mais do que esvanecidas, o caminho percorrido pelo autor em sua discussão e as dimensões do novo campo, bem como as possibilidades do objeto são bastante instigantes. Já nas primeiras páginas, Déloye anuncia que pretende introduzir uma “história das intimidades e das profundezas políticas” e que, para decifrar essa dimensão profunda do político, é preciso atentar para a sua historicidade, para as estruturas sociais e culturais que lhe servem de alicerce e para as particularidades desses processos, de forma que a elaboração de modelos abstratos e apriorísticos é vista com extrema cautela.

Examinado o desenvolvimento que, na França, a História, a Sociologia e a Ciência Política tiveram desde o século XIX, o autor pretende estabelecer as preocupações comuns e as possibilidades de se estabelecer pontes entre essas três disciplinas. Tais conexões apontam para um campo no qual não deve haver a primazia de uma instância sobre a outra (seja economia, política ou sociedade), e tampouco sem qualquer perspectiva teleológica de sucessão histórica. A Sociologia Histórica do Político, segundo o autor, situa-se num contexto intelectual marcado por uma desconfiança nas abstrações teóricas unificadoras, pela prática de hibridações metodológicas e disciplinares e por uma atenção especial à dimensão histórica das realidades sociais e políticas.

Ao propor esse novo campo, e mais especificamente, uma nova disciplina, Delóye faz um considerável esforço de mapeamento de seus objetos, possibilidades de trabalho e abordagens. Iniciando pela construção do Estado moderno, e de suas raízes medievais, passa pelas questões do nacionalismo e da constituição da identidade nacional e da cidadania, culminando com a discussão do sufrágio e da prática política, tanto no meio urbano quanto no rural contemporâneos. Nesse percurso, o Estado, *locus* por excelência, porém não exclusivo, do político, é visto como algo historicamente construído e não como um ente universal e abstrato, o que revela uma permanente preocupação em se estar atento às particularidades dos processos de constituição do Estado – e da política – nas diferentes configurações espaciais e temporais. A busca pelas “profundezas” do político leva a um alargamento das fronteiras daquilo que pode ser considerado como eventos ou processos políticos, envolvendo aí questões culturais e psíquicas, como o processo de constituição da identidade individual no Estado moderno, associada a uma invenção bastante abstrata chamada nação. Ou ainda como, no processo de “aculturação política” das sociedades modernas, são desenvolvidos mecanismos de controle e de autocontrole nos cidadãos.

A obra não traz fórmulas ou delimitações muito rígidas do objeto dessa nova disciplina, tampouco pretende ser um novo paradigma; a sua intenção é justamente conferir um novo tratamento, mais abrangente, à dimensão política da experiência humana. A sua argumentação se dá com base numa vasta e sólida bibliografia que, no entanto, de uma forma ou de outra (sejam historiadores como Fernad Braudel e Marc Bloch ou sociólogos como Max Weber e Charles Tilly), já vinham entrecruzando os diferentes campos do saber humanístico em suas obras. Muitas delas, inclusive, já há muito haviam abandonado os caminhos da história factual ou da sociologia positivista.

Isso leva a perguntar então qual a relevância, ou originalidade, do programa proposto pelo autor? Afugentar preconceitos e bairrismos entre as disciplinas? No atual cenário teórico, pelo menos no caso da História, isso parece um pouco fora de propósito, pois desde a primeira geração do movimento dos *Annales* Clío vem flertando, e sem culpa, com diferentes parceiros; ou seja, há muito que a História dialoga com outras disciplinas como Geografia, Economia, Antropologia, Literatura, etc. Atualizar o debate e inseri-lo numa “aposta epistemológica” cujos desdobramentos ainda estariam por vir? Possivelmente o maior mérito da proposição de uma disciplina chamada Sociologia Histórica do Político

seja justamente forçar uma composição teórica e, sobretudo, metodológica, que possa dar conta do objeto geral das humanidades – a experiência humana na sua complexidade – num contexto cultural em que as fronteiras tradicionais das disciplinas já estão mais do que diluídas e que a *crise dos paradigmas* já se tornou, por assim dizer, doxa corrente. O fato, por exemplo, de construir sua argumentação a respeito da formação do Estado moderno a partir de autores como Fernad Braudel, Norbert Elias e Immanuel Wallerstein, já revela o compromisso de uma percepção macroestrutural da realidade sem, entretanto, reduzi-la e esquematismos. O desafio que fica, diante desse novo campo do político alargado por Déloye, é de se desenvolver estratégias metodológicas de pesquisa e de análise que de fato correspondam às férteis proposições teóricas em questão. *Sociologia Histórica do Político* se mostra uma obra muito instigante, não só pela forma com que desenvolve suas análises e proposições teórico-temáticas, mas especialmente pelas possibilidades de trabalho que ela sugere.

EDUARDO MUNHOZ SVARTMAN\*

---

\* Professor na UPF, Passo Fundo, e na FAPA, Porto Alegre, Brasil.